

## LINHAS DE FUGA

ALDO TAVARES

Imagem criada pela IA Sora



### Luta identitária III

**E** escrever Filosofia em jornal é impossível, porque linhas de fuga escapam à decodificação imediata; mas a Filosofia, embora esteja acanhadíssima aqui, escrevo-a hoje para afirmar que o marxismo, em razão da dialética hegeliana, não tem condições teóricas de entender – e, muito menos, de combater – o microfascismo.

Para o marxismo, não há identidade entre senhor e escravo, pois o opressor é identidade de opressor e o oprimido, identidade de oprimido. A luta política, portanto, é oposição. Já o microfascismo sabe que não há luta de classe na micropolítica, pois nela pulsa identidade entre senhor e escravo. Para o microfascismo, o opressor se identifica com o oprimido e o oprimido, com o opressor.

Entre as maiores obras filosóficas de séculos, lemos “Mil platôs”, onde Deleuze-e-Guattari pensa [no singular mesmo] a imagem de Hitler no platô “9. 1933 – micropolítica e segmentaridade”, ano em que o Führer foi chanceler. Por causa de sua dialética [ou de seu falso movimento], o marxismo desconhece o movimento político Menor que levou Hitler à Chancelaria. Na página 103, está escrito: “diz-se erroneamente (...) que uma sociedade se define por suas contradições (...). Do ponto de vista da micropolítica, uma sociedade se define por suas linhas de fuga (...). (...) que escapam às organizações binárias”, no caso, senhor-escravo, opressor-oprimido.

Existe um Hitler antes e depois de 1924 ou entre o Golpe da Cervejaria e a Chancelaria, ou seja, um Hitler entre desejar o poder pela força bruta e pelos meios legais e eleitorais. Em Mein Kampf (p. 127), pergunta-se: “será possível destruir ideias a ferro e a fogo?”. Responde: “não é possível o emprego exclusivo da violência”, diz Hitler: “a luta deve ter dois princípios”, quais sejam, força bruta e força espiritual. A força bruta é o que é pesado e a força espiritual, o que é leve. Hitler movimenta-se entre os contrários.

Após 1924, a Alemanha experimenta o que pode o “entre” opostos, o que a filosofia chama de terceiro elemento, cuja potência política movimenta-se, nesse caso, entre a desordem da força bruta, disseminada pela SA, e a ordem da lei, propagada pelo discurso hitlerista. Estamos, pois, diante do que Deleuze-e-Guattari chama de entre-dois, e o traidor, expoente dessa política entre opostos, nega a oposição, é quando senhor e escravo se identificam ou é quando o povo se identifica com o Führer.

Em 1933, o poder, em seu sentido clássico, é ocupado por Hitler.

# Bruna Paiva, uma autora que nasceu e segue independente

JM Costa/Divulgação

Jovem autora carioca estreia na Bienal com romance sobre paixão adolescente



Por Affonso Nunes

**A**os 27 anos, a escritora carioca Bruna Paiva chega à Bienal do Livro celebrando uma década de carreira literária construída de forma independente. Nacida e criada no subúrbio de Olaria, ela representa uma nova geração de autores que soube utilizar plataformas digitais para conquistar leitores e construir trajetória sólida no mercado editorial.

O destaque de sua participação é o lançamento de “Fã de Carteirinha”, romance gestado desde a adolescência que explora com realismo a complexa relação entre fã e ídolo. “Foi enquanto lia um livro da Thalita Rebouças e me via nas personagens que pensei pela primeira vez: ‘queria causar isso aqui nas pessoas também’”, revela a autora, explicando a homenagem no nome da protagonista.

A narrativa acompanha Thalita, jovem de 16 anos da zona sul carioca que divide o coração entre o namorado Benício e a paixão platônica pelo cantor Christian



**A partir de seu primeiro livro, escrito aos 14 anos, Bruna Paiva construiu reputação junto ao público jovem**

Belchior. O equilíbrio dessa dualidade afetiva se rompe quando o acaso a adolescente de seu ídolo, forçando-a a confrontar sentimentos contraditórios.

O romance ganha ainda uma dimensão multimídia com trilha sonora original composta por Tê Paiva, irmão da autora, acessível através de QR Code exibido ao longo das páginas do romance.

Bruna iniciou sua carreira aos 14 anos publicando “Um Diário Para Alice” como webnovela no Wattpad, alcançando mais de 70 mil leituras. A versão física, lançada em 2018, já foi adotada como

material paradidático em escolas e esgotou na Bienal de São Paulo 2022. “Amores de Carnaval” (2023) marca sua estratégia de marketing mais ousada: fantasiada como suas personagens, vendeu exemplares nos blocos de rua durante o carnaval carioca.

Formada em Letras pela Uni-Rio, mestre e doutoranda em Ciência da Literatura pela UFRJ, ela venceu o Prêmio Strix de Literatura em 2015. “Quero continuar me dedicando ao público jovem, criando histórias que ofereçam identificação e acolhimento, formando novos leitores”, explica sobre seus planos futuros, que incluem dois romances prontos para publicação e um curso sobre autopublicação profissional.